

# REVISTA MENSAL

DA

# SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

1.º ANNO. — NOVEMBRO DE 1869. — N. 9.



PORTO ALEGRE

Typographia do —**Jornal de Commercio**— de L. F. Cavalcanti de Albuquerque.

1869.

## **COMISSÃO DE REDACÇÃO**

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Aurelio V. de Bittencourt.  
Francisco Isidoro de Sá Brito.  
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

---

## **REDACTOR DE MEZ**

Francisco Isidoro de Sá Brito.

---

# OS PALMARES

ROMANCE HISTÓRICO

POR

APPOLLINARIO POZZO ALEGRE.



( CONTINUAÇÃO. )

## CAPÍTULO V.

Mais de cem negros rodeão o vulto gigantesco de Pero Lopes, e de oito homens-d'armas de sua gente.

São ondas sobre ondas que batem um rochedo!

De todos os lados silvão golpes tremendos e elles inconcussos!

Ao principio descarregarão as armas de fogo, mas na continuação do combate só fazião uso da espada.

E então Pero Lopes?

Era admiravel, semelhava um colosso de granito em nossas cordilheiras, onde o raio apenas roça-lhe o fastigio.

O sangue frio, a flexibilidade de movimentos, a certeza da vista, não o desamparavão n'esse momento. Aparava o golpe mortifero que lhe atiravão com uma destresa pouco idonea á sua idade, e quando feria um inimigo, rojava pelo chão banhado em sangue e praguejando contra o leão portuguez.

A turba-multa de inimigos estimulada pela resistencia e pelo ardor da peleja, soltava safara e selvatica pocema desesperando da prosecução d'uma lucta em que tão pouco disputavão o terreno, e quando voltavão á carga era com cego furor... ardor do desespero!... Porém, desgraçados! Juncavão o soallo com outros cadaveres.

Depois de alguns vinte minutos, só restava Pero Lopes e dois de seus companheiros já cobertos de feridas:

Uma voz sobrepujou o tumulto:

— Basta.... Os Palmares não desconhecem a bravura em seus contrarios.

Entre nós não ha um que o exceda em valor.

Deixem-n'ò livre:

Disse; obedecei.

Foi um bello e gentil africano quem fallou. Através o azeviche do rosto transluzia-lhe a magnanimidade e a nobresa do coração.

Tinha o sello da magestade no porte e a soberania no olhar.

Acabára de entrar na sala:

Tambem á sua voz, á seu gesto de mando, as mãos descahirão e reinou tumular silencio.

Pero Lopes, cruzando os braços, mediu de alto a baixo.

— Escravo rebelde, disse com sobranceiria, manda matar me, senão em breve serei junto ás tuas cabanas com recursos que hoje me fallecem. E tudo será arrazado. Nenhum habitante escapará ao fio de espada.

Manda proseguir o combate, ou aliás lembra te que a memoria da injuria não ha de extinguir-se em meu peito... Subupira de novo será um montão de ruinas.

— Orgulhoso portuguez, nada me deves. Se te deixo a vida, agradece a teu valor. Estás livre, parte. Se fores a teus irmãos, dize-lhes: que Gozki, filho do Zambi Fabul, os espera em seus entrincheiramentos.

Tens jús á vingança, não a temo.

Pero Lopes acena aos dois homens d'armas que ainda vivião:

— Acompanhem-me.

E transpoz a soleira da porta fulminando com profundo olhar de desprezo aquelle, cuja magnanimidade acabava de salvá-o.

Gozki sorriu com o sorriso tranquillo que revela um triumpho.

Admira que homens, como Pero Lopes, almas empedernidas, sem uma fibra de evangelicos sentimentos, quando se tratasse da guerra, se transformassem radicalmente. E' que n'estes aziagos tempos ainda visluzbrava alguns vestigios da cavallaria, e apesar dos vícios dos colonos, se aceitava o legado das gerações passadas como uma veneranda tradição.

Via-se então a polluição grassando em toda a gerarchia social, desde o donatario até o vendilhão das ruas, desde a garnacha até a sotaina; porém, a não ser por um jesuita, a infracção das leis de honra e pundonor escasseava muito.

## CAPITULO VI.

Lancemos agora um lance d'olhos sobre a fundação e marcha progressiva dos Palmares.

Aos nove grãos de latitude norte, vinte leguas distante do mar, se elevão os mocambos dos negros Palmares, na fralda oriental da serra da Barriga.

Outr'ora . . . em 1630, quarenta negros que dizem filhos de Guiné, habituados ao infortunio e fadigas da guerra, acobrunhados sob o jugo despotico dos senhores, e outrosim dominados pelo espirito de liberdade que os holandezes conseguirão inspirar-lhes, sacudirão as algemas do captiveiro internando-se nas densas e vastas matas de Alagoas.

Caminharam alguns dias.

O topo recortado de uma montanha suspendeu-lhes a peregrinação.

Era de tarde. Uma tibia p-nubra começava a rebuçar as trunfas das arvores seculares, que osentavão luxuriosa vegetação.

A bafagem crepuscular, tepida e doce, segredava ternas endeixas no alaúde da melancolia.

O sabiá—ao recolher-se no docel da rama, despedia-se da luz com um canto cheio de inspiração.

Era a hora da seisma, da saudade e do amor.

Alli, na encosta crescião e mergulhavão nos ares seus leques tremulos, grande porção de airoas palmeiras.

A crista da montanha banhava-se no ouro do sol.

Era um painel soberbo!

Um scenario dos virgens sertões da America!

Estes romeiros da desgraça pararão estaticos, um assomo de admiração emmudecera os.



De cada olhar deslisava um regato limpido e sereno. A patria, esta terra d'a-lém-mar tão longe e tão estremeada, o passado librado entre o goso da liberdade e os amores das moças africanas, os parentes de cujos peitos foram arrebatados, o areal com seus medões de areia, a choupana de sua infancia, tudo isto reviveu-lhes no pensamento.

Chorarão estes homens de ferro!

Mas era uma grata recordação borrifada do pranto de nobres corações.

Sob o ébano de sua cutis dormia o germen de grandes sentimentos.

O quadro esplendido da natureza tocára-os ao vivo.

Depois disserão unisonos :

Aqui.

E cada um depoz na gramma o fardel de romagem.

E que sitio mais proprio encontrarião ?

Como em seu paiz natal, a palma retouçava-se em graciosos meneios n'uma atmosphera pura ; o mio sonoro e grave da canguçu esmorecendo n'um mar de folhas, recordava-lhes o tigre e o chacal.

Além de que não mui longe estava um nucleo de civilisação que serviria a seus serios intentos.

Passarão-se annos.

Tudo soffreu uma mudança que pasma pela providencia com que alguns obreiros destituidos d'uma intelligencia culta, poderão levar a effeito semelhante obra.

Aqui e alli uma derrubada assignala a mão do homem ; a lavoura substituiu á vegetação espontanea.

Aldeias se estendem na fralda da serra.

Os tujupares cobertos de sapé e pindoba se desenhavam na diaphana atmosphera, cortando-a com suas comiadas angulares.

Ruas alinhadas e de grande extensão onde homens e mulheres se entregão tranquillamente aos misteres da vida, o cacarejar das aves domesticas, o gaseio tão estranho e simultaneamente agradável dos passaros do bosque, tudo isto emfim desafia o cogitar do espectador.

Em 1695 era um grande povo com vinte mil habitantes pouco mais ou menos.

A primeira defeccão adherirão outras, ora excitados pelos fundadores dos mocambos, ora pela tendencia quieto do homem tem do goso da liberdade material, e por vezes para furtarem-se a castigos merecidos, ou finalmente por aprisionamento, porque estes mesmos africanos que subtrahirão-se ao captiveiro, não temião escravisar aquelles de seus compatriotas apprehendidos nas arduas correrias que fazião de tempos a tempos, tão enraizada lhes ficára a idéa de posse sobre seus semelhantes.

Não é para censurar se quando os vemos natos no meio dos mais absurdos erros e fanaticas superstições.

No berço, nas adustas regioes da Africa virão assim praticar por seus maiores ; no Brasil estiverão sob a manopla pezada dos senhores, e d'ahi inda notavão nos indigenas o mesmo costume.

Era bem natural.

Logo que reuniu-se um numero regular, a falta de mulheres fôra geralmente sentida.

Para remediarem semelhante óbice, adverso á sua união politica, resolverão atacar á mão armada as fazendas dos colonos vizinhos.

Atiravão-se para isso sobre ellas, entregavão-n'as ao saque e retrocedião levando comsigo todas as mulheres, sem sequer acatarem a familia dos lavradores. As esposas ou filhas d'estes sujeitavam usualmente a resgate ; porém, tambem não era caso novo o ficarem com ellas.

Em taes pormenores imitavão, sem o presumirem, aos fundadores de Roma, e Rocha Pitta ajunta que o roubo das Sabinas não foi nem mais geral, nem mais completo.

E inda nota-se outra identidade com os antigos dominadores do mundo, no modo por que fazião a guerra e por que retiuhão as povoações limitrophes como tributarias.

Os habitantes de Porto Calvo e de outros logares proximos para manterem as vidas e bens, transigião com elles, ministrando-lhes armas, munições e outros generos de mercancia.

Era uma alliança implicita que assim firmavão.

Tinhão uma fórma de governo republicano, para o qual era sempre escolhido como chefe, o mais sagaz, intelligente e valeroso d'entre elles. Chamava-se a este Zambi, que por meio de maioraes subalternos ou ministros, fazia executar uma legislação oral que todo o cidadão devia conhecer.

Suas attribuições collectivamente consideradas, circumscrevião se a velar pela prosperidade, socego e policia da nação.

Emquanto a seu codigo penal, era justo e fundado em principios fecundos.

O homicidio premeditado, o adulterio e o roubo, castigavão com a pena ultima.

O escravo que fugia, votava-se ao açoute e frequentemente ao castigo dos maiores delictos, severidade que de nenhuma sorte pôde ser justificada.

Os crimes de menor magnitude tinham punições correspondentes.

Em materia religiosa pertencião á communhão christã meramente aquelles que haviam recebido o baptismo. « Estes, diz Southey, conservarão ainda alguns requicios do Christianismo, religião de que lhes haviam infundido principios tão corruptos, que, nem estes homens ignorantes como erão, poderião tornal-as mais dissimilhanes de seu divino prototypo. »

Esmerilhemos as causas efficientes.

O escriptor severo, embora na estreita orbita d'uma peça litteraria, não deve prescindir de asperger á verdade em seus trabalhos. Se a questão não decide-se *a priori*, reclame as circumstancias de tempo, localidade, costumes, etc., é esta a argumentação idonea para modelar sua obra pela natureza e logica dos factos.

Os fautores erão os senhores e o jesuitismo, que, para mantel-os em cega obediencia, aproveitando-se das densas trevas que os envolvião, não recuavão na peccaminosa empreza de embuir lhes os mais grosseiros erros.

E quem não sabe quão facil e vigorosa rebenta a má semente em terra sem cultura? !

Em frequentes ensejos o mesmo exemplo cooperava com vehemencia nas aberrações relativas á divindade, e á adoração transcendente do espirito humano, singela, e magestosa, se uma lithurgia e um dogmatismo incompreensíveis não vem enredal-os n'um ordume de obscuridade.

O catholicismo então desprestigiava se na America no verdor dos annos e onde a civilisação estreitava o passo de gigante abraçando a seu lábaro a liberdade e a razão—os dous fanaes inextinguíveis do progresso.

E' que a filha de Colombo tinha um fogo divino a pulsar em cada arteria, um volcão de verdades nos seios d'alma.

Os colonos, mórmente os mamelucos, arrosta vão face a face a prepotencia da Curia Romana, sem sequer crerem que offendião e cerceiavão de algum modo o poder temporal do Papa.

Tambem como obrarem diversamente, se conhecião os crimes da Inquisição e da Companhia de Jesus?

E o rancor entre colonos e jesuitas não era produzido senão pelo interesse com que uns e outros pfeiteavão o trabalho do gentio.

Os colonos escravisavão-n'os, mas o fazião com a viseira erguida; seus actos taes quaes forão, o orbe civilisado os conhece.

O bom discípulo de Escobar, acafellando sob a doutrina de liberdade a má intenção, se aparentemente não reduzia o ignorante selvagem á escravidão, de facto o fazia.

E n'uma questão de preferencia, quando a escravidão torna-se inevitavel, antes com aquelles que, na franqueza de sua brutalidade, nos roxeão os pulsos com a pesada algema, do que com os que aproveitão e favoneão nossos instinctos e paixões para assim terem-nos sob a tutela.

O roupeta nunca teve outro motor além dos principios do pacto fundamental de sua ordem.

Estes, como uma força dynamica impellião-n'os passivamente na busca de meios e recursos para o incremento de supremacia que a Companhia aspirava.

Os proprios Nobrega e Anchieta não se lavão da pecha. Se é certo que influirão na catechese dos indios, e de algum modo servirão ao paiz, não deixa tambem de ser verdadeiro que tudo emanou fortuita e involuntariamente, e que nenhuma vontade sincera os induzira na prosecução de taes resultados. Serião o Valverde do Perú se operassem rodeados do sequito de outras circumstancias.

Porém... paremos; vai longe a digressão!

Antes de ultimar o capitulo, inda algumas observações sobre a constructura da phenomenal republica dos Palmares.

Desde que um povo acaba de formar-se, como uma necessidade essencial á sua existencia germina o pensamento da creação do exercito, para em caso de ameaça de invasão estrangeira, garantir a propriedade e vida dos membros que o constituem, salvaguardando e mantendo assim a integridade e brios inherentes a sua nacionalidade.

Elles pois crearão uma milicia que orçava por oito mil homens n'esta época.

Exercitada constantemente com as medianas instrucções de guerra, que conhecião habituada por suas perennes correrias ás improbas e affanosas lides, e comesinhas noções de estrategia que lhes dera a pratica e a convivencia dos mesmos portuguezes e hollandezes em tempo de suas luctas, satisfazia lisongeiramente o escopo que collimavão.

Dextros, conhecedores por leguas do terreno circumdante, bem municidados, e d'uma bravura a toda a prova, debellal-os pelas armas não seria tão facil como muitos poderião crer em vista de sua ignorancia.

## CAPITULO VII.

O disco de Venus pallideja n'um segmento de leste.

Seus derradeiros raios bruxoleão quasi moribundos roçando a esphera do mundo. E' que o rei da luz, o pai da natureza, inda remoto, anega tudo na aureola de seus resplendores.

A manhã vem desbotando o sorriso prenhe de magia, filtrando a alegria em cada fio de luminosas restias, que gerão formosos iris no christal das catadupas.

No horisonte alfombras de opala franjadas de ouro fluctuão ao grado d'uma aura que não sentimos refrigerar nossas faces.

Quem pisará estas telas tão delicadas, tão mimosas nos matizes, estes brocados cambiantes na filigrana de industria divina?

Que bracinhos angelicos os espalhão na etherea amplidão?

Diz-me, ó coração, na intuscepção do entusiasmo, em teus devaneios de poesia.



Não, não ; eramudece, vê... Uma palavra tua não perturbe a realza do quadro, a magestade do panorama.

— Eil-o !

O' sol, como és magnifico remontando os castellos do infinito !

Em côro unisono te saúda o mundo !

O viso da serrania fulgura em reflexos variegados, sacudindo os perfumes de suas roupas roçagantes de folhas ; o pélagos revolvendo-se em seus seios de mysterio, espadana em cada marêta um chuvaire de perolas.

Inebria-te, meu coração, no deluculo de vida e esperança, nas galas tão ridentes com que se paramenta a terra.

Que és tu, sol, grande, sempre bello, sempre moço ?

Serás um pensamento de Deus, um pensamento que brilha por myriadas de leguas, que fecunda o vacuo ?

Sim, és um seu pensamento que irradia para toda a parte.

Porque por um perennal roteiro tens o rumo, e nos surges eterno a caminhar ?

Tu o sabes ! . . . .

E's um manancial da vida ?

Sim, instillas a seiva de vitalidade no coração do homem, na viscera da terra, e na fibra da planta.

E's um pharol de virtude ?

Sim, espancas a treia cimmericia da consciencia que resvala na rampa do vicio, ás cegas tacteando, a mergulhas na ablução lustral de teus olhos, a inundas da pureza de teu sorrir.

O crime a teu apparecimento larga o sceptro, estuga o passo e vai refugiar-se sob os cimbres do inferno, a cuja densa escuridão aduna a cegueira de seu espirito.

E's um luzeiro que guia a humanidade a um porto seguro, limpo dos pegões da procella.

Sim, columna ardente, aclaras com teu lume as veredas da civilisação e as raias da perfectibilidade

E's o jubilo para as almas que soffrem em longas noites de martyrio, és o calor que alimenta, és . . . . ?

Sim, ó sol, és tudo o que ha de grande, bello e sublime !

Por isso Roma adorou-te em Vesta, e o Quebro e o Inca afundavão-se em reverente genuflexão em teus altares.

E quem sabe não serás o mesmo Deus, o Deus que o Universo ama e corteja em profundo amor ?

Não, repetem as espheras em eólia melodia.

E o écho repercute do bico da avezinha, inda restruge no vagalhão dos oceanos e unguido do labio humano, rebenta por ultimo n'um brado verdadeiro, n'um brado do intimo que dicta a soberana razão.

Sol, és immenso, benigno, indefinivel ; mas não és senão um pensamento do Deus.

Foi ao recordar o alvorecer jubiloso que ostentava toda a sua magnificencia tro pical sobre os colmos do Grande Mocambo ou capital da republica dos Palmares, que o hymno acima, palpitante, fervido, rebentou-nos da penna.

Ante as scenas da natureza americana, sempre luxuriosa porque moça, onde o sol tem mais ardores, a lua mais brilho, os rios mais aguas, as arvores mais cópas, mais vigor, mais flôres, mais fructos, o labio avinca-se n'um espasmo de volupia indizivel, tem accentos, não da terra, dos céos.

E quem ousára gizar fielmente em papyro ou tela a perspectiva d'uma aurora de meu berço ?

Tentar desenhá-la, seria produzir a paysagem fria, muda, glacial, pallida, inodora, incómpleta, portanto informe, onde não se pudera pintar o trilho do vo-



latil, a endeixa saudosa do arroio argentino, o cochichar da viração nas grenhas da floresta, as vozes das cachoeiras pela escarpa fragosa dos montes, o surdo balir das aguas que rolão na profundeza dos algares seculares, o ulular das fêras que vão retirando se aos recantos de lobregas cavernas, o borbotão de luzes, a sombra, a fragrancia campesina, o indefinito colorido da natureza selvagem e o cariz do firmamento. E depois como trazer as peripecias que se succedem debaixo do pavilhão de rama e trepadeiras?

Era uma das mais fulgidas manhãs sob o equador a que dourava Subupira no dia crástino ao ataque da fazenda de Pero Lopes.

Tudo louçania, risos e flôres !

E que donaire nas fórmas singelas do Grande-Mocambo !

Esta povoação tinha mais de uma legua de circuito, com tres ruas, cada uma com um quarto de legua pouco mais ou menos, sendo as habitações contiguas, cujo fundo terminava geralmente por um quintal ou jardim.

Accrescenta Ayres Gazul que que era murada com dois ordens de estacadas de troncos grossos, altos, dos mais rijos e duraveis que se conhecião no paiz e falcados em quatro faces; com tres portas fortissimas em distancias iguaes, cada uma com sua plataforma por cima e defendida por duzentos homens em tempo de trega : e todo flanqueado de varios baluartes da mesma fabrica dos muros.

« Havia dentro da praça um grande tanque d'agua doce e piscoso; e um rochedo alto que lhes servia de atalaia, d'onde descobrião em torno grande extensão, e podião observar os aproches do inimigo. Os subuebios erão cheios de plantações de viveres, para cuja guarda haviaõ varias aldeias chamadas mocambos e governadas por soldados veteranos »

Eis a capital da phenomenal e sympathica republica. Assim circumdada de fortificações, bem formada de recursos vitaes, ninguem se isentará de reconhecer engenho e antevidencia em seus fundadores. Como que um receio precursor a grandes calamidades lhes fallára alto e bom som, no meio de tantos dias prosperos, descortinando-lhes enublados os horisontes do porvir; onde em traços de fogo porventura se insculpia um presagio fatal a seu desenvolvimento.

E que a alma muitas vezes devora longas distancias, embora se recoste calma e leda na mesa dos festins.

(Continua)

## LYRIOS D'ALMA.

Bernardo de Medeiros era um dos mais ricos proprietarios da cidade de Nictheroy.

Cedo morrerão-lhe os pais, deixando-o na posse de uma optima fortuna.

Era moço, e desde então começou a ter entrada nos salões esplendidos dos ricos, e assento na mesa dos titulares.

Pensou em estudar. Não era tarde para fazel-o, mas Medeiros não nascera para queimar as pestanas sobre as paginas dos livros.

O dinheiro trouxe-lhe ambições; • seu desejo foi figurar nos primeiros cargos e apparecer em qualquer parte onde podesse dar mostras da sua opulencia.

Alliou-se ao partido então dominante. Se não prestava serviços concorrendo com a sua intelligencia para demonstrar ao povo a grandeza das idéas que abraçára, abria a sua bolsa para chamar ás urnas os mercadores de votos.

D'este modo Bernardo de Medeiros foi eleito deputado provincial, e depois representante da nação na camara temporaria.

A sua posição n'essas assembléas foi a que se póde imaginar; de vez em quando dava um apoiado aos discursos dos seus companheiros de partido, e chamado pela opposição a justificar a sua approvação, declarava a medo que nada mais era possivel acrescentar.

As folhas da opposição tomarão-n'o a sua conta, e todos os dias annunciavão que o Sr. Medeiros occuparia a tribuna sobre gravissimos assumptos de interesse palpitante para o paiz, recitando um discurso que os collegas tinham preparado.

O homem zangou-se; conheceu que errára a vocação, e recolheu-se ao silencio.

As novas eleições encontrarão-n'o disposto a fugir á laboriosa vida politica, e a não dar ceutil para comprar consciencias.

Pensou em casar. O isolamento assustava-o; as caricias de uma esposa, o amor dos filhos, dar-lhe-hião placidez para o espirito e uma felicidade indefinivel.

Medeiros encontrava um embaraço para realisar a sua nova idéa; corrião no publico certos boatos sobre a solidez da sua fortuna, e não sem algum fundamento. Era preciso para reparar os claros que a politica abrira nos seus cabedaes, escolher a noiva d'entre as que figuravão na sociedade pela fortuna.

Estas conquistas não são faceis de realisar. A' procura de um casamento vantajoso, afadigava-se Medeiros, e consumia-se de tedio na solidão do seu viver.

## II

Lembrou-se Medeiros de chamar á sua companhia um seu afilhado que até então lhe não dera cuidado.

O pai d'essa criança, pouco antes de expirar, entregou-a a seu padrinho para que a educasse convenientemente; consentindo no entanto em que ella estivesse até os 7 annos em companhia de sua mãe.

Medeiros entreteinha-se a ensinar as primeiras lições ao pequeno Arthur e a contar-lhe historias.

O menino foi gradualmente desenvolvendo-se, e mostrava excellentes disposições para as letras.

Todo o seu prazer era ler bons livros que o seu protector lhe dava, pedir explicações sobre as difficuldades que encontrava, e ouvir a narração de contos interessantes e instructivos.

O menino, que além de pardo, nascera pobre, via-se agora rodeado de tudo quanto appetecia, feliz no meio dos seus livros e na convivencia de seu padrinho.

Os bem intencionados louvavão a generosidade de Medeiros que despendia o seu dinheiro na instrucção do que adoptára como filho; outros lamentavão que a mania do politico infeliz desse para erguer do lodo quem devia ser sempre pequeno.

Ainda ha infelizmente quem pense que o pardo não tem direito de saber o que é dado a outros aprender, e que o principio de igualdade proclamado pelo martyr do Golgotha não está nas conveniencias sociaes.

Habilitado dentro em poucos annos Arthur de Medeiros nos preparatorios, seu padrinho, depois de consultal-o, fel-o seguir para S. Paulo a matricular-se na respectiva faculdade.

O Sr. Bernardo Medeiros passára 11 annos sem tratar mais do casamento. A educação do seu protegido o absorvêra totalmente. A consciencia dizia-lhe que fizera uma boa acção, cumprindo nobremente o mandato que lhe confiára o seu fiado compadre, ao entregar a alma ao Omnipotente.

### III.

Tendo seguido Arthur para S. Paulo, ali vemos de novo Medeiros triste e preocupado.

D'esta vez duas grandes dôres lhe consumião o peito: a da saudade e a do isolamento.

O pobre homem reconheceu-se impotente para resistir com vantagem á lucta que lhe ia n'alma, e decidiu-se a proscrever o celibato.

Não indagou se era rica ou não: fallou á primeira mulher que encontrou e ajustou o enlace.

Belmira era uma moça do povo, que, o que lhe faltava em fortuna, suppria em virtude e altos dotes do coração. Meiga e compassiva, todos lhe dedicavão sincero affecto.

Não faltou quem dissesse ao ouvido de Medeiros que o mundo censuraria muito que um homem de bom nome e regular fortuna, com quanto já muito reduzida, fosse unir seus destinos a uma plebea sem titulos quaesquer a semelhante honra.

Medeiros foi, porém, inflexivel a todas as seducções, a todos os conselhos de maus amigos, e realisou o seu casamento, sem pompa, sem sciencia dos que o frequentavão.

Fructo d'este enlace nasceu uma bella menina, que era o idolo querido dos seus pais.

Medeiros julgava-se o mais feliz dos mortaes: de um lado a esposa carinhosa, que lhe pagava em affecto, o que lhe julgava dever pelo casamento; do outro a loura menina a sorrir-lhe com esse riso dôce dos anjos; do outro ainda as extensas cartas de Arthur, dando-lhe conta dos seus progressos e da fama que ia creando pelos seus trabalhos na imprensa, — que mais era preciso para completar lhe a felicidade?

No entanto as suas alegrias devião ser passageiras; a Providencia lhe reservava uma grande dôr, que devia ser o seu martyrio, e o germen de fatal molestia.



Belmira amanheceu um dia triste e abatida; tanto bastou para que a inquietação e o desespero entrassem na morada da alegria.

Tudo quanto posso pela sua salvação — repetiu o pobre homem aos médicos chamados para tratar de sua esposa. — Infelizmente, foi tudo em vão. Nem a sciencia, nem os cuidados de que a cercarão, poderão prolongar o fio d'aquella preciosa existencia.

Belmira deixou a terra e alou-se á morada eterna. Compungiu ver os tenros grites da orphazinha, olhando por sua mãe, — as lagrimas do desulado esposo abraçado ao gelido cadaver da compoiteira dos seus destinos.

Não ha phrases que descrevão fielmente a dor de um marido quando vê perdidas para sempre as esperanças doiradas que lhe luzirão na mente; desfeitos os sonhos de um futuro delicioso na quietude do lar; pela inflexibilidade das leis do alto.

#### IV.

Fôra morto o golpe no coração de Bernardo de Medeiros; a molestia foi bem depressa consumindo-lhe as forças, até prostrat-o no leito.

A' custo escreveu elle a seguinte carta :

« Meu caro Arthur,

Dores ha que ferem tão fundo, que produzem a morte. Sofri uma d'essas, e sinto que não poderei ir longe. Morrer quando se tem uma filha de menor idade para educar, deixal-a só na terra, sem um parente que a ampare, é doloroso; mas por outro lado eu sinto que uma força invisivel me chama para o tumulo, e eu quero morrer. Estás formado, e penso que nenhuma ligação te prendem á essa terra. Vem pois dar-me o ultimo abraço, e ouvir as minhas ultimas disposições. Deus não me tirará a vida sem que eu te tenha apertado ao meu peito e te confiado um sagrado deposito.

Teu do coração,

B. Medeiros da Silva. »

Arthur e a carta desencontrarão-se; pouco depois de expedida esta, chegava aquelle a Netheroy.

Tivera noticia de que o seu bemfeitor estava ás portas da morte, e não quiz deixar de vir agradecer-lhe os benefícios de que o enchêra, assegurando o seu futuro, dando-lhe uma posição elevada na sociedade.

Habilitava-se para defender uma these, depois de ter recebido o diploma de bacharel; mas á fatal noticia, tudo esqueceu para só lembrar-se de que a algumas leguas um homem ia morrer á força de desgostos, e que esse homem era seu segundo pai, que não se poupára a despezas e esforços para elevá-lo.

Como não foi enternecedor o abraço de ambos!

Passada a primeira emoção, Bernardo declarou ao Dr. Arthur que lhe confiava sua filha. Havia alguns annos que elle tomara a si uma criança orphã, velando pela sua educação como se fôra parte do seu sangue; agora pedia ao que se fizera homem o mesmo incessante cuidado pela innocente Adelia, orphã de mãe, e dentro em breve de pai.

O doutor assegurou-lhe que ficasse tranquillo; empregaria todo o esforço por que nada faltasse para tornal-a feliz sobre a terra.

Não era uma promessa vã; a occasião era solemne; e quem a fazia tinha motivos para não mentir á voz da consciencia.

Bernardo, entre um riso para os que o cercavão e uma prece a Deus — a vós commendo a minha filha, — exhalou o derradeiro suspiro.



São passados dois annos depois da morte de Bernardo Medeiros.

Pelo seu testamento, o restante da sua fortuna, pagas as dívidas, devia ser dividido entre sua filha e seu afilhado.

O Dr. Arthur, tendo conseguido uma vantajosa reputação, apesar da inveja dos pequenos zoilos, advoga na cõrte com excellentes exito.

Adelia foi confiada aos cuidados de uma virtuosa professora, que se occupa na dupla e agradável missão de formar-lhe o coração e illustrar-lhe o espirito.

O Dr. visita-a todas as semanas, procurando não faltar aos compromissos contrahidos.

Não abundão os exemplos de gratidão aos beneficios recebidos na primeira quadra da vida, para que prescindissemos de narrar o que fica escripto.

*Aureliade Bittencourt.*



# CARLOTA.

— Não chores, Carlota, em breve ter-me-has em teus braços.

— O pranto é um allivio, Leonel.

— A mocidade só deve ter risos.

— Aquelles que nascerão felizes, mas eu fui sempre infeliz, e agora em tua partida não sei o que de triste me presagia o coração; ha em minha alma, como uma voz intima, que diz-me que não te verei mais.

— Oh não creias! . . . Deus vela sobre os desgraçados, e não quererá implantar a morte, onde existe a serenidade de duas almas apuradas no cadinho do amor.

— Tu não sabes, Leonel, que desde o berço má estrella me acompanha e só se extinguirá do meu céu nevoento na noite do sepulchro?

— Julgas-te infeliz, Carlota?

Disse-lhe Leonel estreitando-a ao peito, incendiada a fronte no rescaldo febril do amor.

— Não como julgava em meus scismares antes de te ver, de sentir por ti este sentimento que me arrebatava contigo para um mundo, que a minha imaginação idealisa, dando-me por instantes, emquanto me entrego a estas abstracções, a ausencia do soffrimento ao coração.

— Sim, fostes tu, Leonel, que trouxeste ás solidões de minha alma despovoadas de affeições e de risos, e só nutrindo o desalento e prantos, uma restea de esperança, um vinculo sacrosanto de amor e amizade.

— E ainda julgas-te infeliz, se aninhas em teus seios, se cinges em tua fronte esta triplice aureola de sentimentos?

— Sim, tens razão Leonel, é esta trindade de sentimentos que me faz crer no presente, esquecer o passado e ter fé no futuro.

Passados alguns momentos depois d'este dialogo, Leonel retirára-se deixando Carlota lavada em copioso pranto.

Leonel era alferes de um batalhão de infantaria, e tendo sido nomeado commandante do destacamento de Rio Pardo, foi surdo e cego aos soluços e lagrimas de Carlota, ouvindo unicamente as ordens superiores, que sem piedade o arrastavam para longe de sua Julieta.

\* \* \*

Dois mezes são decorridos. Carlota vivia triste, nem mais um sorriso buscava asylo á flor de seus labios, desbotados agora ao fogo de suas lagrimas unguidas de absintho.

Até esta época nenhuma só carta recebera de Leonel, nem uma só noticia. Quantas noites de insomnias embebidas na contemplação do retrato de seu amante não passou Carlota? . . . Quantas!

Ella que o amava devotadamente com todo o enthusiasmo e delirio do primeiro amor, ella que não conhecia outra doce affeição sobre a terra que não se resumisse n'elle! . . .

Filha do crime, de um ventre desnaturado, encontrou na religião a sua verdadeira mãe.

Sem os carinhos paternos, sem uma só devoção a não ser a da religião, Carlota votára-se inteiramente, como quem sente pulsar o coração aos vinte annos, cheio de fé e de crengas ao culto d'esse amor, esquecendo em seu frenesi uma funda tristeza que desde a meninice povoava suas scismas innocentes.

Leonel que trazia ennastrados em sua frente os laureis de poeta; e mais infeliz talvez do que ella, occultando sob a pallidez de seu rosto o carimbo de mil tormentos, a adorava ou por encontrar n'ella uma irmã de amarguras, ou porque Carlota era realmente bella, como a visão que elle sonhára ao despontar-lhe a aurora da adolescencia.

\*  
\* \*

E' de tarde, o sol doira apenas o <sup>c</sup>abeço dos montes, reflectindo-se levemente sobre as agoas dormentes do Guahyba, onde branquejão as velas de uma ou outra canôa de pescadores.

Carlota ternamente fita os céos, rebentando entre os negros cilios uma ou outra perola roubada sem sentir á santidade de sua dor. Em que pensaria ella? Em que pensamento profundo anergia Carlota sua fronte descorada, sem as rosas do verdor dos annos, amarellecida em noites de vigalias continuas?!. . .

Ha n'este espaço que decorre do pôr do sol á noite, um quê de indefinivel tristeza, que nos sensibilisa e entristece, arrebatando-nos a alma ás regiões ethereas do sentimentalismo.

Emquanto Carlota embebia-se nos paineis tristonhos que a natureza descerrava aos seus olhos, uma de suas mestras lhe trouxera uma carta.

Carlota ao receber sentiu um tremor convulsivo, seu seio effegante palpitava sob a branca escumilha que lhe deixava ver aquellas fórmãs divinas. mais arrebatadoras do que as de Antiope de Ingress. Ao conhecer a letra quiz suffocar com sua mão delicada a effervescencia de seu collo, seu semblante tornou-se pallido como a açucena que o sol canicular sorveu-lhe a seiva e o matiz das petalas.

Ao ler a carta um grito de dor arrancado do intimo d'alma poveou a mudez de seu domicilio, cahindo de joelhos com as mãos erguidas para o céu, e soltando de seus olhos dois fios de lagrimas.

Leonel já não existia, a carta fôra escripta momentos antes de expirar, quando sua alma abençoava o mundo por ainda possuir Carlota, e os céos por ir gozar a suprema felicidade.

Como não soffreu aquelle coração na hora extrema sem os affagos da familia, e orphão dos carinhos de um anjo que lhe amenisára sua curta existencia sobre a terra?!. . .

Leonel soffria do peito, uma das razões que lhe obstava de já se haver casado com Carlota; coração nobre e não deixando-se arrastar pelo tufão das paixões, preferiu sempre soffreal-as que sacrificar o resto de sua vida, a felicidade, o porvir de um anjo que o amava devotadamente.

Leonel julgando melhorar de seu incommodo, partira quasi com a convicção de voltar restabelecido d'elle; porém não calculou antes de sua partida nos subteis espinhos da saudade — planta bemdicta que tem por orvalho — as lagrimas do coração purificadas em nossas scismas, derramadas em nossas dôres, como um balsamo santo sobre sangrenta ferida.

A estrella oscillante que pallidejava na extrema dos céos nevoentos de Carlota, apagára para sempre sob medonho negrume.

\*  
\* \*

Um mez ha decorrido depois dos ultimos acontecimentos.

Por entre as cortinas de seu leito dormita uma mulher livida como uma estatueta, como Venus de Cnide cinzelada pela mão inspirada do Praxiteles. Ella dorme e sorri.

N'este sanctuario onde a innocencia repousa, penetra um homem com a fronte nevada pelos annos, tendo sobre as faces fundas rugas mais aprofundadas pelo soffrimento e pelo estudo do que pela idade. Elle abriu as cortinas; era Carlota que alli estava prostrada pela morte de Leonel.

Seus cabellos da côr da flôr do myrtho davão mais realce ao pallor de seu rosto; seus seios estavam nús, sem uma renda sequer que os cobrisse, talvez devido ao desassocego da febre. O pintor Grego não preferiria de certo para modelo de suas virgens os seios de Carlota. Passados alguns instantes acordou-se.

— Então doutor, não me acha melhor?

— Como sempre esperci vir encontral-a hoje.

Vai melhor da febre, tornou o medico examinando attentamente as pulsações de seu pulso.

— A febre é a vida, doutor.

— Não creia.

— Ollie . . . para mim é . . . nos delirios vem-me todas as scenas do passado, que nunca mais poderei gozar senão no céu . . . oiço a voz d'elle . . . esta noite elle veio ter conmigo . . . eu o vi ajoelhado beijando-me as mãos . . . o fogo de seus labios extinguiu-se, havia n'elles a neve em vez d'aquella pyra que ainda senti no beijo de despedida que elle imprimira em minha fronte ao abraçar-me pela ultima vez.

— Tudo isto é a febre, disse o medico completamente absorto, como que consultando os mais reservados segredos de sua sciencia.

— Doutor, eu lhe peço que não apague de meu corpo a febre, deixe que ella me acompanhe ao tumulo.

— Em breve estaréis boa . . .

— Boa ! . . . Eu tenho a morte aqui, disse Carlota levando a mão ao coração.

— A doença não é tão grave . . .

— A ferida foi funda de mais, doutor.

— Tenho fé em Deus, que elle não abandona os seus anjos, lhe disse o medico estendendo-lhe a mão.

— Adeus, meu bom doutor.

— Adeus.

Ao descer a escada o medico levou aos olhos o lenço para enchiugar duas lagrimas que lhe humedecerão as palpebras.

Carlota conservava-se na mesma attitudo em que o medico a deixára, contemplando por uma janella entre-aberta a immensidade dos céus.

A noite approxima-se e Carlota ceriava as palpebras sob as azas de Morpheu como o cacto ao pôr do sol retrahindo suas folhas.

Carlota, devido aos recursos da sciencia, depois de um mez e tanto de continua febre pôde erguer-se do leito, de que ella julgára nunca mais levantar se.

Porém, ella soffria; na pallidez de sua face, sem aquelle brilho da mocidade que se ama e divinisa-se, havia já talvez o bafio gélido da morte.

Ha corações que nascem para o soffrimento e para os quaes a felicidade mundana não é mais que um sonho, uma miragem creada em suas scismas e nutrida de amargoroso pranto.

Carlota tinha um d'esses corações; no céu nublado de sua existencia, a felicidade passára mais rapida que um meteóro nos espaços na serenidade das noites do estio.

Isolada do mundo, na mudez de seu sanctuario, humedecidas as faces n'um prantejar continuo, repassado das fezes de um lutar incessante — sua vida cifrava-se agora nas lembranças do passado, n'aquelles doces philtros de um amor terno e innocente, como o de Croco e Smitax.

Funda tristeza transparecia em seus olhos, outr'ora cheios de vivacidade; suas



palavras arrancadas do isolamento de seu peito, exprimão notas tristes abemoladas como uma harpa desferida em noite de luar aos beijos da viração, e cadenciadas aos gemidos dos salgueiros implantados no chão dos mortos, como dizendo aos vivos — estes são os marcos divisorios entre o mundo e os campos *elysios*.

Ha um anno que a voz de Leonel para sempre emmudecera em seus labios: ha um anno que a esperança extinguiu-se do coração de Carlota, como um cyrio nos umbraes de uma sepultura á uma rajada em noite tempestuosa.

O mundo, a ventura, para ella desaparecerão sob a lage tumular de seu amante.

Nada mais lhe restava sobre a terra, nem uma illusão sequer se aninhava agora em seus languidos seismares, onde outr'ora sua alma se expandia sob as azas doiradas do amor e da esperança.

Pobre menina! Tão moça e sentindo nas veias de seus seios o gelo da morte infiltrado em noites de insomnias, em noites de amargurado pranto!

\* \* \*

Que voz é aquella, plangente, repassada de angustia, vibrada pela corda mais funda do coração, como um harpejo do instrumento de Paganini, que se faz ouvir nos côros matinaes e ao anoitecer na saudação angelica entre as paredes do Carmo?!

Cada accento d'aquella voz é um grito dorido coado em rythmo e harmonia, como um gemido saturado de agonia entre as notas de um órgão em deserto templo . . .

Essa voz eu a conheço . . . E' Carlota que cantando chora, como Malvina das tradicções dos céus nublados da Escossia descantando sob a impressão da morte de Oscar, seu amante, aos accentos divinos da tyra de Ossian.

Carlota que detinhava dedia em dia, que sentia a morte esvoaçar através as brancas cortinas de seu leito, sem mais um outro élo que a prendesse ao mundo, vendo esvaecidas todas as esperanças desbrochadas ás auras do amor, julgando a felicidade terrena como um sonho, trocára a vida do mundo pela solidão de um claustro como Heloisa de Abelard, despresando as galas, a opulencia e vindo sepultar-se para sempre no convento Argenteuil, victima de um amor infeliz.

A mulher que na flor dos annos abandona o mundo, suffocando na amphora de sua alma os turbilhões de prazer, brotados ao sol ardente da adolescencia—é porque negra ulceralhe envenena os seios, sentindo o acerbo espinho da descrença ferir-lhe o coração.

Carlota afastando se do bulicio social, ia buscar na religião o balsamo ás suas magoas.

Um anno ha decórrido que Carlota viera habitar o convento do Carmo.

São dez horas da noite; a ultima badalada ha pouco havia soado solemne e grave na amplidão.

Junto ao leito de Carlota um sacerdote firme, immovel, como aquelle velho senador romano da invasão gauleza, lê um livro attentamente.

Na ceta reina profundo silencio, ouvindo-se distinctamente as oscillações de um relógio, assestado n'uma das paredes.

De repente Carlota agita-se no leito, o sacerdote ergue a fronte, que a corda da vellice cingia, e seus olhos buscão os da moribunda.

— O que desejas, filha?

— Tenho sede, muita sede.

— O medico privou-lhe de beber agua, filha?

— E' augmentarem o meu tormento; dêem-me agua, eu sei que morro, é questão de momentos.

O sacerdote baixou os ollossem responder.  
O silencio de novo abriu suas azas n'aquelle recinto.

— Padre, tornou ella, alcance-me aquelle crucifixo, quero morrer abraçada á elle.

O sacerdote entregou a imagem do Redemptor á moribunda e sentou-se com os olhos fitos n'aquelle anjo, que batia as azas para transpor as regiões sidéreas.

O', disse ella, não sei o que sinto, nada soffro . . . nada, meu bom padre . . .

O', meu Deus, deixai-me respirar . . .

Ella estendeu a mão ao sacerdote que apertou-a entro as suas . . .

Carlota estava morta.

*Achylles P. A.*



## PARTIDA.

Sim! eu li, Dalia, os teus versos,  
Me orgulhei de teu talento,  
Perfumes e sentimento  
Imagens de tanta dôr!...  
Mas ah! que é tarde, querida,  
Cumpro as leis do fado iroso,  
Vou partir... pois é forçoso,  
Deixo a alma e deixo amor!...

Ai meus tempos de ventura,  
Paz, amor e poesia,  
Vou tudo perder n'um dia,  
No dia em que te perder!  
Que a vida é como tu dizes:  
Não passa nunca de um sonho,  
Um dia bello e risonho —  
Depois... tristeza e soffrer!...

Como era bello esse sonho!  
E como elle é bello ainda  
Se te vejo sempre linda,  
Triste, sim, mas me sorrir!...  
Oh! do tempo qu'inda resta  
Até o ultimo instante,  
Eu quero — poeta — amante —  
Viver n'elle a me illudir!...

E adeus, oh! noites felizes  
Em que eu affrontava ufano  
A tormenta, o minuano,  
Para estar junto de ti!  
Adeus, oh! tardes de nacar  
Em que eu te via formosa,  
Fresca, linda como a rosa,  
Mundano ideal da hury!

Mas não chores, inda é cedo,  
Nivea garcinha de amores,  
Já vai abrindo das flores,  
Na primavera o botão;  
As andorinhas já voltão,  
E o céo tem nuvens de prata...  
Não chores—olha na matta  
Já as aves trinando estão...

Não chores; canta—na fronte  
Tens o dom de poetisa,  
Canta amor e pede á brisa

Que te dê suspiros meus;  
E nas nuvens o nas auras,  
Na rolinha que suspira...  
— Na saudade — sim — te inspira  
Em mim, em ti e em Deus.

E amanhã quando eu fôr ido...  
Olha os céus e pede a lua  
Que me leve a imagem tua  
Ao meu desterro de lá;  
E quando as aves no inverno  
P'ra o norte alçarem adejo,  
Oh! então manda-me um beijo  
Nas azas de um sabiá.

Relê depois estes versos  
E roreja-os com teu pranto,  
Traduzindo este meu canto  
Na dulia de um serafim...  
Mas se acaso por tua mento  
Passar de um outro a miragem,  
Ai! não percas minha imagem  
Ai não te esqueças de mim!...

Adeus! amante adorada,  
Acabou-se o nosso sonho,  
Vou viver triste, enfadonho,  
Porque sem ti vou viver;  
Ai! Dalia, de ti tão longe  
N'essa afanosa cidade,  
Eu — n'ausencia e na saudade,  
Que farei? irci morrer. (\*)

Porto Alegre — 186...

*P. Antunes R. da Luz,*

(\*) Verso de Gonzaga.





# O CELIBATO.

## EPISTOLA IV.

Infatigavel vejo na estacada  
O meu tão caro Pylades, mas lesto  
Esquivando-se aos golpes que lhe atiro.

Recursos não lhe faltão, seu engenho  
Profusos os ministra a seu talante.  
Se eu hoje fôr vencido lhe prometto  
Que nunca mais o gladio da verdade  
Me encontrará vibrando em outra arena.

*Refugium peccatorum*, acredito,  
São esses teus peccados de que fallas !  
Deixar de rir não pude em caso sério,  
Mas tens tal seriedade que conter-me  
Não foi possível, ri e ri deveras !...

Dizes que Adão legou-nos um peccado  
Antigo como o mundo, como os seculos :  
Original o chamas, oertamente  
Porque d'elle descende a nossa especie.  
Ab Jove ! o não conheço como o pintão.

Eva trazes á têla, como autora  
Do crime abominavel que condemna  
Uma pro genie toda a penas cruas ;  
Mas o comer o fructo da sciencia,  
Eu creio em nossa mãi não foi máo gosto.  
Antes hoje outras muitas a imitassem  
Que menos ignorancia tinha o mundo,  
E os filhos, como nós e tantos outros  
Sabirião do berço armando pleitos,  
Manejando algarismos e compassos,  
E em subidas materias discutindo.

Em quanto ao demo—genio da maldade,  
Que da serpente a pelle revestira,  
Juro que o não vi por vida minha,  
« *Non video, non crederam* » disse um santo,  
E eu em estranho caso o sigo á lettra.

Não me dirás do assumpto já que trata  
Por que zonas s'estende o Paraizo ?  
Se é certo que demora junto ás terras  
De Fohi e de Confucio ou é o reino  
Do famoso Cibango que refere  
O errante Marco Polo ..

Eis d'uma duvida  
Que eu quero me tirasses. Mas severo  
Parece que estou vendo o meu amigo  
Reluctar na leitura d'essa epistola.  
Que queres pois que eu faça ? Que eu consinta  
E aceite o juizo erroneo tu desejas ?

Os filhos onde vimos pelos crimes  
De seus pais responderem no presente ?  
Foi doutrina transacta, eu sei, amigo,  
Quando pela tragedia de Solyma  
Israbel, nos dizião, vagueava,  
Sem patria das nações escárneidas ;  
Quando do despotismo o braço fero,  
Destacava impedindo a liberdade  
Nos cimeiros adejos do progresso,  
Os tectos arrazando furibundo,  
Saltando os campos—palco de homens livres ;  
Quando golfava o throno de S. Pedro  
Chuvas de excommunhões e de exorcismos  
Sobre a misera e triste humanidade ;  
Mas a razão repelle tal doutrina  
Que innocentes arrasta ao cada falso :  
A justiça nos erros não repousa,  
Principio de moral, direito egregio  
Do empyreo emanados não se calcão.

Innocente Terceiro em raiva acceso  
Póde matar a prole dos Catharos,  
Póde o bronze soar de São Germano,  
De Coligny, Caumont e Ferrières  
Ordenando execrando assassinato,  
Póde um Borgia reinar em mar de sangue  
De incésto e de ignominia tendo ao lado  
Infame Machiavello que o defenda,  
Póde o Escurial erguer-se carrancudo,  
E nos autos — de fé— o Santo Officio  
Insonte gente inerme nas fogueiras  
Sem piedade arrojara, mas resta a historia  
— Areopago de arestos implacaveis,  
E do genero humano a consciencia  
Que não perecerá mercê de algozes.

Se as leis da terra os filhos não condemnão  
Como crês que a causa do Universo  
— Um Deos de bondade e de doçura  
Inferior aos homens se pareça?

Como irás expiar um vão delicto,  
Crime que não é teu, e que apanhamos  
Da traducção nas ondas quasi mortas,  
Qual ambar que na praia o mar atira  
E buscamos a fonte inutilmente?

Dizes que a morte, os males nos vierão  
Da falta que Adão e Eva commetterão:  
Que creias convencido em laes sandices  
Não creio, não concebo, ás veras fallo.

Se outra vida antes d'esta nós tivemos,  
Se fomos cherubins, prompto aceitei;  
Mas não com essas formas e esse corpo  
Nos climas do planeta que habitamos.

A planta que viceja na floresta,  
A almaria que pasce na campina,  
A ave que o céu azul percorre alada,  
O insecto que nas folhas tem seu mundo,  
O peixe que nas aguas nasce e vive,  
Não os vemos morrer? E tem acaso  
Peccado original por que respondão  
Nos dias do presente?

Não pretendas

Com frivolos sophismas perturbar-me,  
Que nullo intento fôra; o céu m'escuda;  
A verdade defendo e seus direitos.

Dizes mais que te pezão mil remorsos,  
Que mil magoas affligem-te incessante.

Quem falla não sou eu, ouve: é Christo.

Não nasce a luz de si, o sol não fez-se  
E a terra não viveu dos tempos antes;  
Os fizeram, se vivem Quem creou-os?  
Aquelle que no amôr resume tudo,  
Que o nada vivifica n'um seu gesto,  
Cuja voz aniquila, extingue mundos,  
Cuja mão concedeu-te os bens que gozas.  
Adoras a teu Deus?

Sim, lhe respondes.

A mulher deu-te a luz, és fructo d'ella  
Seu seio saciou-te a fome, a sede,

Bebeste nos seus olhos ternos raios  
E em sua voz a crença que sublima ;  
E o varão deu-te a sombra, e o sol ardia  
Echegou seu braço ao teu, e em pé l'ergueste,  
Andavas nú, lançou-te ao hombro a tunica  
E depois teu espirito alentara  
A senda te mostrando d'este mundo.  
Honraste-os na velhice, foste sempre  
A gloria de teus pais ?

Sim, tu respondes.

Filhos são, eu te digo, todos os homens  
D'aquelle que os creara, tanto os ama,  
Do pai da natureza, pai bondoso,  
D'aquelle cujo amor estreita o mundo  
E não castiga os Africanos incolás  
Por seu Deus adorarem no fetiche,  
Porque a Vichnou e Siva curvem outros  
Em Allah muitos creião, sigão muitos  
De Buddha e de Moysés, as leis escriptas  
E um Tupan tonante a ponte dobrem ;  
Porque questão de nomes nada vale,  
Vale a crença-fanal do sentimento,  
Lume que o coração na voz, no gesto  
Copioso irradia, intenso inflamma.  
Tu amas teus irmãos ?

Sim, lhe respondes.

A Naboth extorquiste os lindos cachos  
Orgulhando o vergel ?

Não, tornas inda.

De teu irmão o sangue derramaste,  
— Caim mataste Abel ?

Não, o repetes.

Sua mulher cubiças ? Nunca foste  
De Urias assaltar o santo thalamo  
Como David o fez ?

Nunca, respondes.

Teu corpo nos excessos se apascenta ?  
Teu coração conserva más sementes  
Que produzem o mal ?

Porque emmudeces ?

Ah ! Teu peccado, amigo, está nos erros  
Que professas agora com soberba !  
Na pugna em que uma lança forte vibra  
Em prol do celibato ! Não nas eras  
Onde em commum passamos dóce vida.



Estou cansado, a noite se adianta,  
Mas ante-ponha o fecho, escuta ainda :

Jezus se retirando e seus discipulos  
A tarde de Bethania e vindo ao longe  
Frondifera figueira, a ella forão ;  
Porém só folhas tinha, nem um fructo  
E disse então Jezus : Ninguem teus ligos  
Jámais na terra os coma.

E a aurora crástina

A figueira encontrou mirrhada e sêcca.

.....  
O padre é a figueira sem ter fructos ?

*Appollinario P. A.*

*(continua)*

~~~~~

## A AURORA.

Eu amo a aurora dos vergeis do sul  
Que a flor desbrocha d'infantis amores,  
Meigo poema de harmonias cheio  
Na linda tela de mimosas cores.

N'um meio riso de fulgente aurora  
Abre-se um mundo de gentil poesia,  
Exhalão as flores mais perfumes, vida,  
E a natureza mais descanta um dia.

O lyrio murcho, que no hastil pendêra,  
Ao grato orvalho reverdece então,  
E a harpa colia, que dedilha a brisa,  
Traduz-se em notas de febril paixão.

Cobre-se o prado de roupagem alva  
Da lorangeira nas esparsas flores,  
A selva em galas a sorrir florida  
Tambem desperta a resfolgar de amores.

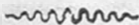
Veloz serpêa na montanha a fonte  
Que o sol nascendo vem languil fitar-se,  
E a branca espuma de christaleos focos  
Convida ao cysue para vir banhar-se.

Ha tanta vida n'essa voz suave  
Que falla ao mundo no volver da aurora,  
Que a fé renasce com meiguice n'alma  
Vibrando ao peito doce amor d'outr'ora.

Eu amo a aurora dos vergeis do sul  
Que a flor desbrocha d'infantis amores,  
Meigo poema de harmonias cheio  
Na linda tela de mimosas cores.

Porto Alegre. Novembro

*Appelles P. A.*



# A VIDA.

(FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO)

Levanta o albor da vida, e o caminheiro  
Lá segue pela estrada ;  
Deixa no berço o marco da partida ,  
Cumprir vai seu destino.  
Ao principio são risos de esperanças,  
Prazer, e dôce enleio....  
Contempla o céu sorrindo na bonança,  
No brilho das estrellas ;  
O sol, a natureza e o mundo inteiro  
Promellem o impossivel !  
Eterna primavera lhe convida  
Na amplidão virente,  
O colhido perfume ás brancas flôres,  
O mel colhido n'ellas.  
Pulsa o peito infantil impaciente  
Chegar á raia extrema ;  
Estende a curta vista no horisonte,  
O fim é já tão perto !....  
Os passos accelera ; na passagem  
Sacode o pó da estrada ,  
E caminha, caminha sem descanso ,  
Com fé mais pura n'alma !  
Lança outra vez a vista no poente,  
O engodo é sempre bello !  
Tudo esquece ; e no pensar, na ideia  
Só tem almo conforto.  
Que sonhos de prazer n'alma alimenta  
Em turbilhão de risos,  
Na debil nuvem que o rever alcança  
Julgando o Parayzo? !  
Vem augmentar-lhe o calor das veias  
O facho dos estios ;  
Passa a mão pela face empoeirada,  
Sente o fogo da febre ;  
Lavada de suor a fronte ardente,  
Lateja em descompasso !  
Enlanguedece um instante ; o sonho volve ;  
Vê tudo por um prisma !  
Não lhe foge o anhelho lisongeiro,  
Oh ! não lhe foge ainda ,

Mas sente a dôr nas plantas laceradas,  
Começo de um tormento.  
Para que a carreira permanente  
Na tão longa jornada,  
Sem contemplar do céu a immensidade  
Miragem de bellezas?  
Para que fatigar-se... a felicidade  
Parece ali tão perto!...

II.

A esperança siderea inda o confôrta  
Entre mil resplendores,  
A noite de luar suavisa o sangue  
Que pulsa nas arterias,  
Os cirios, que nos ares pallidecem,  
O fazem meditar.  
Mas augmenta-se a dôr, nas chagas feitas  
Dos cardos pela estrada,  
Nas horas em que o sol em pino aquece  
A poeira dos trilhos,  
Quando pende no hastil a branca rosa,  
E calão-se os insectos.

Só elle ! Eil-o que segue pela senda  
Juncada de desvios !  
Mas inda assim prosegue, inda tem risos,  
A's crenças do futuro,  
E' poeta; na mente afogueada  
Quantas visões de amores ?  
Quantos sonhos ficticios de esperanças  
Lembrados n'uma noite ? !  
E vai um apóz outro se apagando  
Como as estrellas d'alva,  
E vai um após outro dentro d'alma  
Nascendo e refulgindo.  
Soluça, treme... vem após um riso,  
E sem cessar descanta !  
São fragmentos de um sonho lisongeiro  
Que não quer esquecer.  
Falla á Deus inquerindo a brisa tibia :  
Porque nasci ?... Pergunta.  
Exaspera, comprime no seu ambito  
O coração que chora,  
Ao silencio fatal que lhe volteja,  
Da natureza muda....  
Sorri depois á borboleta andante  
De doirados matizes,  
Onde quebra-se o sol prismando as côres,  
De mil raios dourados.  
Esquece as dores preso ao labirinto  
De tantas commoções !  
Colhe á beira da estrada roxo lyrio  
Que murcha após instantes !  
E vai o coração se requieimando  
No tormento da sede....



Sorve góttas de orvalho na passagem  
Pendidas na roseira ;  
Em vão as aguas de chrystalea fonte  
Beben e bebe mais...

O cansaço o acolhe, os membros lasso,  
Os passos lhe fraqueão ;  
Vem o delirio caleinar-lhe o peito,  
Quer descansar... não pode !  
Uma voz se levanta entre a poeira,  
E só lhe diz:— Prosegue !...  
Então o forasteiro volta a fronte  
Quer ver o berço amigo,  
Mas descobre o infinito já sulcado,  
O marco está bem longe !  
E caminha... caminha ! A dubia estrella  
Sumio-se no horisonte...  
A nuvem se deslisa pelo ethier  
E lhe sombreia a fronte !

### III.

Foge-lhe então o prisma de illusões,  
O mundo lhe apparece  
Corrosivo qual é, entre esplendores  
Pejado de miserias !  
Que martyrios, que lutas incessantes  
Ao descer desse sonho !  
Que pugna medonha se levanta  
Entre o peito e a razão !  
As dores lacerantes dos espinhos  
Embebidos nas carnes .  
O alento da vida esvaecido  
Nos membros que fraqueião ;  
O mundo encadeado á vis paixões,  
Que renegão dos céos,  
Fortalece a razão nessa descrença,  
Pungente e dolorosa :  
— O amor, como Deos, é um mero sonho,  
A vida, um só martyrio !—  
E o coração lhe diz agonisante :  
—Tenho ainda esperança !  
Limpa as palpebras de lagrimas banhadas,  
Mas a esperança é morta !...  
E caminha, caminha o peregrino  
Na senda do infinito !  
As horas da existencia estão contadas,  
Não pode ter descanso !  
A nuvem já cubrio-lhe o firmamento,  
A escuridão perpassa...  
Sem mão amiga que lhe limpe ao rosto  
Os suores da fraqueza ;  
Sem amparo que guie os debeis passos  
Do corpo vascilante !

Revoltando-se então contra a natura  
Quer descansar... Embalde!...  
Inda imbelles supplica extenuado;  
E a voz lhe diz:— Prosegue!...  
E elle segue no trilho, a cada passo,  
Um gemido soltando!...  
E caminha, caminha longo tempo...  
Por um seculo inteiro!

Até que chega á raia da romagem!  
Enfim parou agora!...  
Um abysmo mas negro que a tormenta.  
Dista a penas um passo,  
E' o ultiimo gemido desse peito  
Agonizante e fraco....  
Avança enfim, e no abysmo horrivel  
Para sempre sumio-se!

E o que resta depois d'essa jornada  
Tão cheia de tormentos?  
Os cantos de uma lyra que quebrou-se,  
Lembranças de um passado,  
E algumas flores murchas, desfolhadas,  
Collidas na passagem.

S. Brito.

# EMENTARIO.

## *Delenda Carthago!*

Abrão-se os diques, vomitem as cataractas. . . . converta-se o firmamento em nevoeiros de saraiva, abra-se o sol o oceano, mas que venhão noticias do chronista.

Grande coisa é ser chronista! Descreve trinta dias com a mesma paciencia com que uma criança desfolha uma a uma as trinta petalas de uma rosa!

E não deve elle ser pretencioso?

Mas. . . . porque? O que é uma chronica?. . . . Quatro linhas escondidas no fundo de uma revista de trinta e duas paginas, meia duzia de noticias esquecidas á primeira vista, e muitas vezes nem hourada com a leitura do assignante. . . . Finalmente. . . . o tempo urge, e se continuo a divagar nao poderei ser pretencioso, e farei o triste papel de D. Quixote a combater os monstruosos gigantes transformados em moinhos.

Pedreiro livre. . . . mãos á obra.



THEATRO. — Subiu á scena no dia 1.º d'este mez o mimoso drama *Carlos ou os fabricantes do Porto*; é um trabalho puramente portuguez, tanto pelos costumes como pela linguagem.

E' talvez o melhor drama portuguez que n'este decennio tenha-se exhibido no nosso theatro, mais da classe realista que da romantica, possui no seu singelo enredo, uma linguagem modesta, mas á caracter.

Levado á scena em commemoração ao anniversario do rei D. Luiz I, deu-nos uma noite aprasivel pelos esforços que fizeram os actores para seu bom desempenho.

A empreza dramatica resente-se por falta de pessoal; tem poucas figuras boas, destacando-se sobre toda a companhia o actor Araujo.

E' um dos melhores actores que temos visto n'esta cidade; recommenda-se pela intelligencia com que interpreta seus papeis, pela belleza com que os executa, e pelo caracteristico proporecionado; enfim, nada deixa a desejar.

Vimol o nos diversos dramas *Dilila*, *Estatua de Carne*, *Mulher e Mãe*, na *Graça de Deus*, em *D. Cesar de Bazan*, assim como em muitos outros, e o Sr. Araujo tem sempre revelado ser verdadeiro actor dramatico.



DRAMAS. — Temos a inscrever mais dois trabalhos dramaticos:

*Jeny a Irlandeza* e *A Fingança*, são titulos de dois dramas do Sr. Luiz Antonio de Almeida.

Não conhecemos o autor, nem queremos aqui analysar seus trabalhos; noticiamos e apenas faremos algumas reflexões sobre elles.

*Jeny a Irlandeza*, é extrahido do romance *Rocamble*, do escriptor francez *Ponson du Terrail*.

Tem algum tanto de inverosimil como acontece nas obras d'aquelle romanista. Sentimos que o autor se dê ao trabalho de extrahir o enredo de seus dramas de outras peças litterarias.

Temos visto na *Córtie* subir á scena por dezenas de vezes, e sempre applaudidos

fervorosamente, os dramas *Antonieta*, e *Margarida*. extrahidos do mesmo romance; no entanto nunca procuramos conhecer seus autores: é que se ahí colhe-se alguma gloria, ella pertence ao autor do romance.

Sabemos que o Sr. Almeida é muito joven; não queremos com o que temos dito, pôr um obstaculo a que mais tarde colha louros na senda litteraria, não; antes pelo contrario, direm-s sempre —*Avante!*

A *Vingança*, é um trabalho melhor organizado, e por isso sendo um primeiro ensaio, está acima d'aquelle outro, merecendo palavras animadoras. Seus quadros estão melhor dispostos, seu enredo é bello, notando-se apenas não finalizar o drama como devia.

A litteratura dramatica é um trabalho que necessita de muito estudo e cautela. Deixamol-o por aqui, e passemos aos



*Cantos do ermo e da cidade*. — E' um novo volume de poesias do mimoso cantor Varella, do filho dilecto do Guanabára!

Devêra antes chamar-se —*Flores do ermo e da cidade*; flores! ahí as ha singelas e puras, trescalando o aroma suave d'aquellas que vegetão nos prados solitarios, chrystalisadas pelo orvalho do albôr; existem tambem adormecidas entre os salões esplendidos em vasos de chrystal.

O que nos diz o *Canto do sabiá*, *A filha das montanhas*, e o *Vagalume* quando falla:

« A tribu das borboletas  
Das borboletas azues,  
Segue teus gyros no espaço  
Mimosa gotta de luz. »

O que nos diz? . . .

A alma do poeta comprehende a bella obra da creação! Sublime comparação!  
Como sua lyra se manifesta rodeada de esplendores na poesia —*As Letras?*

« Na tenue casca de verde arbusto  
Gravei teu nome, depois parti;  
Forão-se os annos, forão-se os mezes,  
Forão-se os dias, acho-me aqui.  
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,  
Teu nome erguendo, q' mais não vi!  
E n'essas letras que ao céo subião  
Meus bellos sonhos de amor perdi. »

— E tu, elevado cantor da —*Minh'alma é triste*,— que dormes sob a lousa mortuaria, quando embriagado nos sentimentos de tua alma, a brisa que passava não te murmurou um segredo, não te disse que voltaria sob o livre céo do Guanabára? . . . E ella voltou. . . voltou e viu-te adormecido nos páramos da eternidade, mas achou outro cantor que a esperava; era um lyra doce e meiga como a tua. Olha. . . vê n'esta voz a magica doçura dos teus cantos:

« Amo o silencio, os areas extensos,  
Os vastos brejos e os sertões sem dia,  
Porque meu seio como a sombra é triste,  
Porq' minh'alma é d'illusões vasia. »



« Amo as perpetuas que os sepulchros ornão,  
As rosas brancas desbrochando á lua,  
Porque na vida não terei mais sonhos.  
Porque minh'alma é de esperanças nua. »

Não é só isto; cada um verso de Varella é uma perola estimada. A *Lenda do Amazonas*, *O General Juarez*, *Leviandades de Cynthia* e *O Filho de Santo Antonio*, são preciosas poesias; e sobretudo quanto é bello, miuzoso e elegante quando diz em suas *Estancias*:

« O que eu adoro em ti não são teus seios,  
Alvas pombinhas que dormindo gemem,  
É do indiscreto vôo d'uma abelha  
Cheias de medo em seu abrigo tremem. »

Que comparação podera melhor pintar os sentimentos da alma do poeta?

E' este o segundo volume de poesias que o Sr. L. N. Fagundes Varella tem dado á luz no correr d'este anno.

\* \*

*As victimas algozes* — lê-se no frontespicio de dois volumes de romances do nosso distincto litterato o Sr. Dr. Macedo. Tres novellas são escriptas sob aquelle titulo; é um trabalho original onde o autor pintando essas scenas que diariamente se dão em nosso lar, revela quão prejudicial é para a sociedade a escravatura.

A primeira novella, *Simão o crioulo*, é o escravo que desconhece o sentimento da gratidão, e por ser escravo paga os beneficios recebidos de seu senhor com ingratição.

A segunda, *Pai Rayol, o feiticeiro*, são dois escravos que se unem para a destruição de uma familia; é um quadro horrivel do escravo revoltando-se contra o senhor, mas muito commum entre nós.

O ultimo, *Lucinda, a mucama*, é ainda o verme peçonhento que tantas vezes tem corrompido o seio de nossas familias, é ainda a escrava respirando com as nossas virgens no mesmo ambiente.

Triste verdade nos apresenta o Dr. Macedo n'estes tres romances.

*Vingança por vingança* é o titulo de um drama publicado recentemente na Corte por seu autor o Sr. Constantino Gomes de Sousa.

\* \*

*Bibliotheca*.—O Exm. Sr. Dr. M. Homem de Mello acaba de presentear ao *Parthenon* com um exemplar de cada um dos seus trabalhos biographicos e historicos.

O nosso illustrado consocio nunca se esquece da provincia que tão sabiamente governou; e ainda mais, amando a litteratura patria e desejando seu engrandecimento, nunca se faz esperar em semelhantes occasiões.

Outro sim recebeu o *Parthenon* o 1.º numero do *Soldado e o Marinheiro*, orgão da classe militar. Já se fazia esperar em nosso paiz, onde todas as classes sociaes tem proprios defensores.

E' não recuarem os esforçados campeões a quem desejamos um futuro brillante.

\* \*

*Libertação de escravos*.—O *Parthenon* foi surprehendido por um officio assignado por algumas pessoas moradoras na *Cachoeira*, que remellião-nos, para ser destinada á libertação da escravatura, a quantia de 313\$740 réis.

Era o producto de um espectáculo, que alguns moços d'aquella cidade, dese-

josos de ver erguido em nosso paiz o estandarte da civilisação e da liberdade, exhibirão para coadjuvarem o *Parthenon* no solemne festejo que teve lugar na noite de 19 de Setembro.

Um bravo unisono erguemos saudando essa mocidade, tão briosa quão util á patria !

O sol da liberdade parece que lentamente vai desdobrando seus raios aos martyres escravos !

\* \* \*

*Delenda Carthago !*

Algumas palavras sobre a revista de Outubro.

Agradecemos ao illustrado redactor a nomeação que nos fez para o cargo de —continuo, — isto é, — o orgão mais autorizado, — pois cremos que quem o intelligenciou de que seria redactor d'aquelle mez, quem respondeu como aquelle estudante bebado—ainda— não foi outro senão o chronista de hoje.

Orgulhamos-nos da nomeação, mas não desmoralisamos o monumento do *Parthenon* em ruinas, como fizeram os discipulos de *Loyola* por traz da cruz da Redempção.

Outro sim o redactor d'este mez votou contra a publicação da carta anonyma, porque não aceitaríamos demonstração alguma por escripto, visto seu autor acobertar-se sob profundo mysterio.

\* \* \*

Vamos esquecendo o resto. . . :

O que dizem agora sobre as pretensões do chronista ?

Deve elle as ter, ou não ?

Eis concluida a tarefa, venha a recompensa; desejo tudo o que amo!

Querem saber quaes são meus amores? Pois leião o seguinte *Soneto* :

Eu adoro o viver onde a paixão  
Em horridos tumultos se revela,  
Amo o rouco gemer d'atroz procella  
E o batel sobraçando ao vagalhão.

Amo o mocho a piar no cemiterio  
Quando banha-se a lua em mar celestes,  
Ou quando o vendaval quebra o cypreste  
Querendo derrocar todo o hemispherio.

Amo mais a mulher q' deixa o leite  
Onde fôra feliz, outr'ora amada  
Do desprezo sentindo amargo effeito

E raivosa em ciúme, a mão armada  
Embebendo o punhal no ingrato peito  
Solta após estrondosa gargalhada.

Novembro de 1869.

S. B.